

# Só vai dar ele

O BRASIL TEM CHANCES DE SE TORNAR UMA POTÊNCIA DO MERCADO DE GÁS NATURAL, VISTO AS ÚLTIMAS BACIAS DESCOBERTAS. AINDA POUCO UTILIZADO NA MATRIZ ENERGÉTICA BRASILEIRA, O GÁS NATURAL PASSA POR UM MOMENTO DE TRANSIÇÃO DENTRO DO MERCADO NACIONAL. PRESTES A SE TORNAR UMA IMPORTANTE FONTE ENERGÉTICA PARA A GERAÇÃO ELÉTRICA E TAMBÉM UM COMBUSTÍVEL INDUSTRIAL E VEICULAR, O GÁS NATURAL VEM SENDO DISCUTIDO DE FORMA AMPLA E CONTROVERSA NO SETOR. NA ESCASSEZ OU NA ABUNDÂNCIA, SÓ SE FALA NELE, E AS PERSPECTIVAS A MÉDIO E LONGO PRAZO SÃO BASTANTE ANIMADORAS

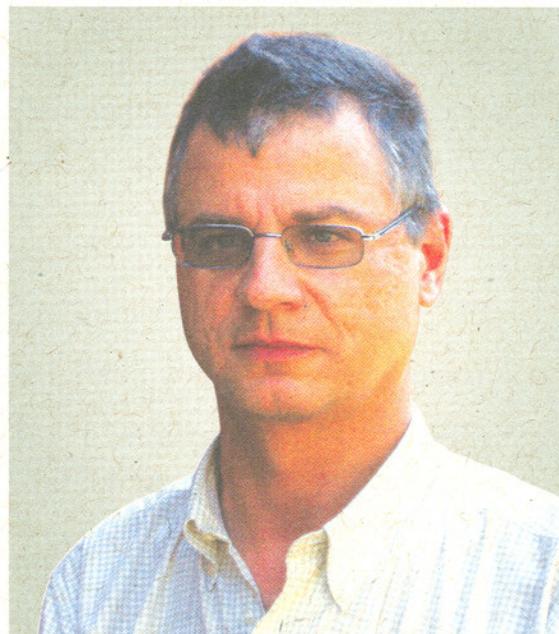
por Milton Leal

**M**uitas perspectivas, dúvidas e contrariedades. O gás natural é a bola da vez na matriz energética brasileira. Após as grandes descobertas dos campos de petróleo e gás natural no litoral brasileiro feitas pela Petrobras, as expectativas acerca do futuro do insumo mudaram completamente.

A história do gás no Brasil começa efetivamente com a construção do gasoduto Bolívia-Brasil, que teve início em 1997. A partir disso, o mercado de gás natural começa a se desenvolver de forma incipiente: a Petrobras entra no mercado com toda a força e passa a incentivar indústrias cariocas e paulistanas a adaptarem suas plantas de produção para a utilização do gás natural como insumo energético. Com o início do envio de cerca de 30 milhões de metros cúbicos diários de gás boliviano ao Brasil, houve sobreoferta e os motoristas passaram a ser estimulados a usar o combustível. O mercado conseguiu, então, ajustar o equilíbrio entre a oferta e a demanda de gás.

Entretanto, no início de 2008, devido ao período hidrológico desfavorável enfrentado pelo País, houve necessidade de usar grande parte da oferta de gás para a geração termelétrica. O evento causou temeridades no setor quando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva chegou a sinalizar a possibilidade de corte no fornecimento de gás para as indústrias e carros, pois não havia oferta suficiente para atender a todas usinas despachadas e aos outros segmentos, visto também o impasse com nosso principal fornecedor de gás, a Bolívia.

Avistando um futuro bastante positivo para o gás natural no Brasil, o professor associado do Instituto de Engenharia Elétrica da Universidade de São Paulo (IEE/USP), coordenador do



*Edmilson Moutinho*

Professor do Instituto de Engenharia Elétrica da Universidade de São Paulo (IEE/USP)

Projeto Cátedra do Gás e consultor do governo e de agências governamentais, Edmilson Moutinho, fala sobre a necessidade de se criar uma cultura pró-gás no País e incentivar a utilização do insumo. Além disso, ele acredita que com as novas descobertas da estatal petrolífera brasileira, o País possa muito em breve alcançar uma posição de exportador de gás liquefeito. Moutinho ainda faz uma avaliação sobre o papel da Petrobras no mercado e diz que a participação da estatal no segmento de gás tem um lado bom e outro ruim.

### **Qual a sua avaliação sobre o do mercado de gás natural no Brasil?**

A situação é de uma revolução prestes a ser iniciada. Até ontem, o gás não existia na matriz energética brasileira. Com a chegada do gasoduto Bolívia-Brasil, surgiu a consciência de que precisávamos desenvolver esse mercado. Foi um projeto de desenvolvimento, de geopolítica. Não havia a cultura do gás no Brasil, porque a cultura energética brasileira foi sempre espremida pela turma do petróleo e da eletricidade. Além disso, não havia políticas do Ministério de Minas e Energia (MME) no sentido de incentivar o gás, porque o ministério nunca foi de energia, sempre foi só de eletricidade. Então, o gás chegou ao Brasil sem mercado, sem convicções políticas, sem oferta de grande porte e sem um representante de uma grande empresa: o gás chegou no pior dos mundos. O gás é a alma energética do futuro, mas antes de se chegar ao futuro é preciso reverter as barreiras do presente, como o investimento em logística. Esse tipo de investimento não tem retorno muito rápido, mas agora, com as descobertas dos campos off-shore, a discussão passa a ser se vamos aproveitar mais nossa vocação para o gás. Não faz muito sentido essa vocação gasífera-elétrica, sem que haja a mudança do perfil de consumo elétrico que temos.

### **A utilização do gás natural para a produção de energia elétrica no Brasil é inviável?**

Até ontem, eu dizia que essa utilização é burra. No seguinte sentido: primeiro seria melhor utilizar o gás para fazer a alteração da matriz de consumo. Eventualmente abririam-se espaços para mais bases térmicas. A troca de uma matriz energética de produção de eletricidade não pode ser cogitada antes de se pensar no uso final da eletricidade. Além disso, como a logística de gás não está construída no Brasil, é necessário encontrar consumidores dispostos a pagar pelo gás em contratos firmes, para desenvolver o transporte desse gás. Então

é preciso alguém que diga: "eu pago pelo investimento do gasoduto durante 20 anos e mesmo se eu não puder consumir o gás, eu te pago", aí sim, é possível construir o gasoduto. No entanto, surge um problema: como essa termelétrica, que é a consumidora do gás, vai se inserir no nosso sistema hidrelétrico, que depende da aleatoriedade da água? Ela não tem como bancar esse custo fixo de 20 anos, porque não tem quem compre firmemente a eletricidade gerada por ela durante esse tempo. Nenhum consumidor livre quer assumir isso, pois eles sabem que podem conseguir eletricidade muito mais barata com a geração hídrica. Então, até ontem o gás para produção elétrica no Brasil tinha dois paradoxos.

### **Com as descobertas dos campos de petróleo e gás feitas pela Petrobras, isso pode mudar?**

A longo prazo, acho que sim. A oferta restrita de gás vai desaparecer e muito rapidamente. Eles estão encontrando óleo leve, coisa que vale ouro hoje em dia, então vai ser necessário produzir isso o mais rápido possível. Os novos campos, aparentemente, são muito grandes. E junto com o óleo leve, vem muito gás. Nós vamos fazer como a Nigéria, ficar queimando gás, jogando fora o combustível do futuro? Então, já que teremos muito gás, a pergunta é: o que vamos fazer com a política de gás? Uma política de gás agressiva passa a ser emergencial. Muito rapidamente teremos um suprimento inesperado de gás e isso vai deparar com as mesmas barreiras do presente: falta de logística, de cultura, de engenheiros e de tecnologia. Temos de nos preparar para que, daqui a quatro ou cinco anos, quando esse gás começar a chegar, existam condições de absorver esse volume. É importante sabermos, o mais rápido possível, quais são os reais números desses campos para podermos tomar decisões certas. Eu digo algumas: talvez, daqui para a frente, nem mesmo o grande programa de hidreletricidade na Amazônia deve ser priorizado e a questão do resgate muito forte da energia nuclear pode ser repensada.

**Mas a geração elétrica a gás natural é mais cara do que a geração hídrica. Isso não pode inibir o crescimento econômico do País?**

Essa história do custo da energia inibir desenvolvimento é bobagem. O custo da energia para a indústria é de 2%. A indústria brasileira está morrendo e não é por causa da energia, ela está morrendo porque a carga tributária é de 40%, a mão-de-obra custa demais, é ineficiente, é mal-educada e mal-preparada. Há muita ineficiência na logística de insumos, onde perdemos quase 30%. Não tem como substituir essas ineficiências econômicas. Dê a energia de graça para a indústria brasileira e ela vai continuar a morrer. É muito pequeno o peso da energia enquanto custo; por outro lado, a segurança de suprimento e a disponibilidade da energia são decisivas. É nesse sentido que afirmo que a termelétricidade a gás dá mais garantia de suprimento, pois haverá uma quantidade tremenda. Mesmo que fôssemos pensar em termos de custo, e acho que não deveríamos pensar, é muito questionável essa comparação. Acho que o gás acabará ganhando. Hoje está difícil, pois está tudo muito inflacionado e os números não estão corretos.

**Neste momento, o que o governo deve estar pensando em fazer com esse potencial gás?**

Não é só o governo que está pensando. Toda a academia, a sociedade e o mundo estão surpresos com essas eventuais descobertas. Elas abrem uma oportunidade e uma responsabilidade. A oportunidade é que teremos uma quantidade de riqueza que pode levar o Brasil ao desenvolvimento. Quanto à responsabilidade, os recursos que virão junto com o petróleo, como o gás natural, têm de ser muito bem pensados. Não se pode jogá-lo ao vento: vamos vender, exportar esse gás? É uma opção.

**Existe mercado na América Latina?**

Não tem. Eu até acho que chegou a hora de o Brasil fechar o anel de GNL via navio para levar gás para o Chile, Uruguai, marginalmente para a Argentina, até que se resolvam os problemas de preço. Esse anel de GNL via navio passa a ser realista.

Inclusive, um aluno do IEE está propondo isso em sua tese de mestrado, intitulada “O resgate da integração energética do cone sul baseado no gás natural – novos fatores logísticos, novas visões”. Ou seja, a integração em um continente onde está todo mundo na costa, não precisa ser feita com gasodutos cruzando o continente. É possível fazer um anel de GNL e quando ele escreveu, nós nem levamos em consideração essas novas descobertas. Agora, então, a reflexão aumenta. O gás, o povo e o consumo estão na costa; qual o sentido de grandes cruzamentos territoriais de gasodutos? E ao mesmo passo, por que trazer energia de dentro do continente, com as usinas do Madeira e Belo Monte, para a costa? A energia hidrelétrica, a energia da biomassa tem de ser repensada como uma energia para o interior do País.

**Em fevereiro, as térmicas foram ligadas e o governo sinalizou dizendo que se fosse necessário cortar o gás da indústria e do GNV para abastecer as termelétricas, isso seria feito. Você acha que, em uma eventual nova crise em 2009, eles farão isso?**

Se eu acho que eles vão fazer? Acho. Se eu acho que eles deveriam fazer? Definitivamente, não. Eles vão fazer porque já está indicado. O presidente da República já declarou que a prioridade do gás é para a termelétricidade. Como em janeiro houve muito pânico nos demais usos do gás, pouca coisa aconteceu, mas poderia ter acontecido. Poderia-se ter gerado uma situação de racionamento e essa situação de dizer aos outros setores de consumo de gás natural que eles não são prioritários cria uma cultura antigás, que já existe: passaram-se dez anos, desde a chegada do gasoduto com a Bolívia, e ainda tentamos construir a cultura pró-gás.

**Você acha que com as descobertas, o discurso pró-gás tende a ser retomado?**

É por isso que eu digo que é hora de sentar e discutir todo o Plano Nacional de Energia de 2030, porque há um paradoxo hoje. A curto prazo, parece tentador imaginar a política

# “ A LEI DO GÁS PODE MORRER, PODE NÃO MORRER, TANTO FAZ, QUE NÃO VAI ACONTECER ABSOLUTAMENTE NADA ”

EDMILSON MOUTINHO, PROFESSOR ASSOCIADO DO INSTITUTO DE ENGENHARIA ELÉTRICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, COORDENADOR DO PROJETO CÂTEDRA DO GÁS E CONSULTOR DO GOVERNO E DE AGÊNCIAS GOVERNAMENTAIS

de priorização de gás que houve em janeiro, pois se houver outro problema de racionamento em 2009 e 2010, o governo perde as eleições: qualquer governo perderia as eleições com um racionamento. Então, a pergunta é: como compatibilizar uma eventual necessidade de curto prazo com uma necessidade de longo prazo? Eu diria que a prioridade deveriam ser o médio e o longo prazo. Claro que atualmente até temos espaço para usar um pouco de termelétricidade, mas sem criar pânico e incertezas no mercado de gás. Se for preciso usar a termelétricidade, que usem óleo! É só para superar uma restrição de dois ou três anos. Vai custar caro, mas vai custar muito mais caro desmobilizar a cultura gasífera hoje e depois ter de queimar gás amanhã, porque não vai haver demanda para o produto.

## **Você acha que existe monopólio no mercado brasileiro de gás natural atualmente?**

Com certeza. Isso é bom e ruim. Para cada Estado ou para cada segmento existe o paradoxo de, por um lado, conviver com a Petrobras, e por outro lado, sofrer as conseqüências. Por que é bom? Primeiro, porque estamos falando de uma empresa que tem uma vocação de investimento muito grande e que nenhuma outra no Brasil tem. Segundo, é a maior empresa brasileira e com certeza vai dobrar de tamanho em dez anos, com um recurso que vai continuar subindo de preço: o petróleo. Então, ela é uma empresa que tem cacife para financiar a logística do gás natural de longo prazo, mesmo não sendo tremendamente competitiva. O lado ne-

gativo é que essa empresa, por mais que se considere uma empresa de energia, continua sendo uma empresa mais focada em petróleo e para ela ainda é complicado substituir petróleo por gás em grande escala. Ela terá que rever todo seu plano de refino, todo seu plano exportador, terá que se reposicionar no mundo. E agora ela joga do outro lado também, pois uma empresa que era só de petróleo, hoje é elétrica também. Nesse sentido, corremos o risco de ver essa quantidade de gás chegar para a termelétricidade via Petrobras, em vez da importante evolução do mercado de gás como um todo. Essa vocação elétrica é a grande barreira de se criar um mercado legítimo de gás.

## **Você acredita que há espaço para outras empresas no mercado de gás?**

Essa visão de que há muitas empresas querendo entrar no mercado de gás natural no Brasil não é verdadeira. Como o mercado não existe, ainda tem de ser construído, as grandes empresas têm muita dificuldade em trabalhar com isso. Todo o conceito que sustenta uma nova lei do gás, de que seja mais aberta, que permita mais competição e entrada de novos investidores, parte de um pressuposto totalmente equivocado que é de que os investimentos não saem porque a Petrobras é monopolista, segura tudo, e ninguém consegue desenvolver. Não é verdade. Além disso, o monopólio, quando constrói, também perde dinheiro pois é o único que pode perder dinheiro já que os outros não podem investir. A Petrobras também está perdendo dinheiro quando investe em gasodutos e em termelétricas, mas só um

Estado ancorado em Petróleo é que pode fazer isso (investir nessa infra-estrutura). A lei do gás pode morrer, pode não morrer, tanto faz, que não vai acontecer absolutamente nada.

### **Você acredita que a Bolívia possa unilateralmente reduzir o envio de gás ao Brasil?**

Eu acho que esse tema fugiu da agenda boliviana. Se a Bolívia não percebeu que a posição dela se enfraqueceu demais com as descobertas brasileiras, ela está perdida, definitivamente. A Bolívia está em um inferno astral, fruto de uma incompetência total. No curto prazo, eles ainda têm “a faca na mão”. No médio e longo prazos, eles deveriam tomar um cuidado extremo em suas decisões. Hoje, a Argentina é e não é o mercado para eles. Realmente, a Argentina precisa de gás, mas a situação econômica na Argentina não vai viabilizar jamais um grande projeto exportador boliviano. Os preços são irrealistas, as tarifas são irrealistas, políticas heterodoxas e controle de inflação que não vão dar certo, ou seja, todas as variáveis que são muito negativas para se construir um projeto gasífero exportador estão presentes.

### **Com a chegada do gás nos próximos anos, o Brasil não deverá mais precisar do gás boliviano. Você acha possível o Brasil agir unilateralmente com a Bolívia e romper os contratos?**

Nada é impossível, e talvez seja até provável. Talvez em menor escala, pois o Brasil, sendo um país grande, tem mais responsabilidade com os países miseráveis, como a Bolívia,

no sentido da solidariedade. Talvez, mais do que a solidariedade, possamos pensar em um projeto estratégico comum, um projeto exportador de gás comum, nós exportando gás com eles. Outro viés seria a elaboração de um projeto de desenvolvimento comum. Poderíamos capacitar a Bolívia para ser um centro industrial da América do Sul. Poderíamos implantar na Bolívia as indústrias de baixo valor agregado, que são as que mais precisam de energia, e deixar as de alto valor agregado para serem implantadas no Brasil.

### **A exportação do gás brasileiro em forma de GNL é uma saída para a super oferta que deverá existir no médio prazo?**

Atualmente, para geração termelétrica eu acho o GNL totalmente coerente. Não deveríamos ver essa iniciativa de GNL da Petrobras só como emergencial, ele realmente veio para ficar. Precisamos criar mercado doméstico mais rapidamente do que já fizemos e para as áreas onde dutos de redes de distribuição de gás têm dificuldades para penetrar. Já que temos GNL, talvez não devêssemos mais pensar somente nesse GNL como uma forma emergencial para geração termelétrica e, sim, analisá-lo dentro de uma logística de transporte interno. Assim, só se transformaria o GNL no uso final. ■